

## É preciso se (re) conhecer <sup>1</sup>

Marcela Macêdo<sup>2</sup>

Gabriela Vasconcellos<sup>3</sup>

Mariana Penna<sup>4</sup>

Carla Baiense<sup>5</sup>

Universidade Federal Fluminense- UFF, Niterói, RJ

### RESUMO

Este paper tem por objetivo apresentar a reportagem sobre transexualidade produzida por três alunas do curso de Comunicação Social para o Projeto de Extensão da UFF O Casarão, que se dedica a elaborar bimestralmente um jornal impresso. Nesse jornal, os alunos têm a oportunidade de produzir uma publicação contendo assuntos diversos acerca de questões públicas e relacionadas à comunidade universitária; sempre seguindo um viés contra-hegemônico. A matéria jornalística categorizada como literária foi capa da edição de março/abril do jornal e mostrou de maneira mais subjetiva os principais desafios enfrentados pelos transexuais atualmente.

**PALAVRAS-CHAVE:** Transexuais; sociedade; identidade; gênero; reconhecimento

### INTRODUÇÃO

Chegamos ao século XXI com maior liberdade de expressão e com sucesso inegável nas lutas em prol das minorias. Em busca de maior visibilidade, respeito, compreensão e aceitação, as barreiras contra o preconceito são pouco a pouco vencidas cotidianamente por negros, mulheres e, porque não, transexuais. No entanto, ignorância nos julgamentos feitos, muitas vezes sem nenhum embasamento convincente, ajuda a propagar impressões falsas e pejorativas acerca desse gênero, que busca acima de tudo uma identidade, entendendo que esta só pode surgir por meio do conhecimento e do reconhecimento. Mostrar histórias reais, envolvidas de lutas diárias e sofrimento, mas também de superação se faz necessário para mudar os atuais paradigmas.

Travestis, transgêneros, transexuais. As nomenclaturas diversas por si só já são complexas e se confundem. Contudo, a falta de entendimento não para por aí e vai bem

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado no XXI Prêmio Expocom 2014 – Exposição da Pesquisa Experimental em Comunicação

<sup>2</sup>Aluno líder do grupo e estudante do 7º Semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo, email: celamacedo\_@hotmail.com.

<sup>3</sup>Estudante do 7º Semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo, email: gaabi.vasconcellos@hotmail.com.

<sup>4</sup>Estudante do 7º Semestre do Curso de Comunicação Social – Jornalismo, email: maary\_penna@hotmail.com.

<sup>5</sup>Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social – Jornalismo, email: carlabaienses@yahoo.com.br.

mais além. Entender o significado de cada um desses termos implica em entender histórias de vida e motivações. Implica em entender a necessidade de pertencer, a busca incessante de fazer corpo e personalidade convergirem, rompendo com o padrão de gênero instituído. Ser transexual no Brasil não é tarefa fácil. As mudanças não se limitam à difícil decisão de transição na aparência, mas também ao preparo psicológico para lidar com os novos hormônios e a reação da sociedade perante eles.

Normalmente, a percepção de que a identidade não é compatível com o corpo que possuem chega cedo à vida dos transexuais. A infância e a adolescência são carregadas de dúvidas e questionamentos. A falta de orientação e apoio familiar faz com que procurem fugas, contudo na maioria das vezes o que encontram é discriminação e exclusão.

Muitos buscam o caminho da prostituição para sobreviver, pois o mercado de trabalho fecha a porta para aquilo que não lhe parece comum e foge à primeira vista dos que não pertencem aos padrões estabelecidos do que chamam de normalidade. Dessa maneira, se estabelece um círculo vicioso e lamentável. Pessoas que buscam uma identidade procuram por direitos iguais aos do restante da sociedade, mas por não encontrarem acabam se fechando em guetos. Estereotipadas, esquecidas e marginalizadas, tornam-se invisíveis, inviabilizando sua própria luta por direitos iguais.

## **OBJETIVO**

O objetivo da reportagem é abrir espaço para discussão, utilizando o meio universitário para divulgar a importância do debate sobre o reconhecimento e a inclusão dos trans na sociedade. Formado predominantemente por jovens, a universidade permite a formação de um novo pensamento. Os jovens serão pais nos próximos anos e já poderão criar seus filhos de maneira mais receptiva à questão. Os jovens serão chefes no mercado de trabalho nos próximos anos e poderão abrir espaço para a identidade de gênero que cada um possui.

Como gênero narrativo mais importante da atualidade, “através da qual se atribui significado à experiência humana” (CONTURSI e FERRO, 2006, 16), o jornalismo tem um papel fundamental na construção de identidades, na demarcação de espaços e na diferenciação entre o eu e o outro. É, portanto, lugar privilegiado para a discussão de gênero e suas implicações subjetivas, políticas e sociais.

---

De acordo com o psicólogo Júlio D'Amato<sup>1</sup>, as discussões sobre os trans, mesmo parecendo inicialmente sem importância, surtem sim, efeito e se fazem extremamente necessárias, uma vez que só o que é desconhecido pela sociedade é tratado como anormal e espantoso. O reconhecimento do gênero tem, portanto, não apenas um efeito prático – sobre o mercado de trabalho, a legislação, os direitos civis – mas também uma dimensão simbólica. Como lembra Bakhtin, a voz do outro constitui nossa própria identidade.

“Tomo conhecimento de mim, originalmente, através dos outros; deles recebo a palavra, a forma e o tom que servirão para a formação original da representação que terei de mim mesmo” (BAKHTIN, 1992, p. 378)

Entendendo o papel do jornalismo na construção da representação social, e ainda sua vocação para o esclarecimento, nascida no século XVIII, a discussão do tema no ambiente jornalístico mostra-se bastante pertinente.

## JUSTIFICATIVA

Pensando na carga afetiva envolvida numa tema como esse, escolhemos uma maneira mais subjetiva para tratá-lo, humanizando os personagens. A urgência pela notícia em tempo real foi um dos grandes motivos que levaram o jornalismo tradicional a se dedicar às informações factuais, abrindo mão de temas que envolvessem uma maior reflexão crítica. Nos anos 1960, um grupo de jornalistas americanos retoma os princípios do jornalismo literário, praticando o que passaram a chamar de *new journalism*.

"Considerado um “jornalismo de autor”, nos moldes do “cinema de autor”, o novo estilo abandonava dogmas do jornalismo tradicional, como neutralidade, distanciamento e narrativa sempre na terceira pessoa, para valorizar a figura do repórter no meio dos acontecimentos, dando a ele liberdade para criar e ousar a partir do registro de detalhes como gestos, hábitos, decoração e vestuário. A reportagem foi transformada numa espécie de novela realista.”. (New journalism, 2003, prefácio)

Seguindo os passos dos “novos jornalistas”, que resgataram a reportagem literária, substituímos o apreço pela objetividade a qualquer custo pela busca de fontes que concedessem entrevistas de maior profundidade, estabelecendo assim, perfis que

---

<sup>1</sup> Júlio D'Amato é psicólogo e professor doutor especialista em sexualidade.

pudessem agregar à discussão proposta. Essas pessoas se transformaram em parte efetiva do assunto ser tratado, ou explicando de uma maneira literária: se tornaram personagens da história a ser contada. Tais personagens ganharam vida, colocando não somente fatos concretos das questões do mundo transexual, mas também imprimindo suas próprias histórias. Nesse sentido, é possível entender o geral a partir de relatos pessoais.

Esse entendimento se dá não só de maneira explícita, como também implicitamente, uma vez que depende de sinais interpretados pelo repórter para se fazer entender. A interpretação é fruto da aproximação que o repórter se propõe a possuir com a sua reportagem e tudo que a envolve. Gestos, olhares, expressões como um todo, além obviamente das opiniões manifestadas, contribuíram para que o leitor enxergasse, e mais do que tudo reconhecesse e mergulhasse no universo tratado, descobrindo pouco a pouco, a voz que falava do outro lado.

Olhando para as diferenças e entendendo as diversidades, e mais do que tudo, valorizando todos esses aspectos particulares da fonte, desvendamos uma espécie de “*new journalism*”, que se diferencia do jornalismo tradicional, sobretudo com o advento do Pereira (2003) chama de “jornalista online”: aquele que, espremido por uma rotina produtiva cada vez mais rápida, acuado pela figura do tempo real, produz, a partir da redação, um jornalismo burocrático, descolado da realidade objetiva. Investir numa apuração cara-a-cara e num texto denso e contextualizado exige um afastamento deste jornalismo de gabinete.

“A diferença acontece em relação à modalidade mais conhecida do jornalismo, a vertente que podemos chamar de jornalismo convencional. Trata-se, esta, de um modo de captação, apuração e expressão da realidade, regido por princípios muito bem demarcados, que deixam pouca margem de autonomia para os repórteres. As regras, que codificam o exercício desse jornalismo, estipulam o enquadramento do relato em elementos básicos universalmente conhecidos – o que, quem, como, onde e por quê –, pouco envolvimento do repórter com os personagens e com os cenários de suas matérias, um foco bastante impessoal, pouco espaço para experimentos de estilo.” (New journalism, 2003, p.89)

## MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A matéria foi publicada na edição de março/abril do jornal O Casarão, nas páginas 4 e 5 (página dupla), sempre dedicadas à reportagem de capa. O Casarão é feito em papel offset 120 gramas, com oito páginas e em preto e branco.

As páginas contam com três fotos de arquivo pessoal dos dois transexuais. A primeira é de Marcos no ensaio de sua banda, que mantém como hobby. A segunda e a terceira pertencem à Bruna, em que uma aparece sozinha e em outra acompanhada de seu marido.

No intuito de aliviar o excesso de texto e ressaltar declarações importantes dadas pelos entrevistados, chamando a atenção do leitor, foram escolhidas três falas para compor os “olhos” da matéria. O primeiro dito pelo psicólogo e os dois últimos pela transexual Bruna Marx.

O título conta com a presença do desenho de um espelho, fazendo alusão ao desejo de se enxergar e se reconhecer com a identidade que melhor cabe. A fonte utilizada no corpo da matéria é a Cambria, tamanho 10,5. Já no título foram usadas quatro tipos de fontes: Plantagenet Cherokee, Crackin, Times New Arial e Arial, todas em tamanho 60.

## **DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO**

A matéria foi produzida ao longo do 2º semestre de 2013 e supervisionada pela professora Carla Baiense, que semanalmente acompanhava o processo de apuração e montagem da matéria. Os outros alunos que cursaram a disciplina contribuíram em ideias como layout e diagramação. A escolha por colocar a matéria na capa foi feita por votação entre os inscritos na disciplina.

A escolha do tema foi influenciada pelo desejo de tratar de algo ainda pouco discutido com um olhar mais amplo e humanizado. A opção das fontes entrevistadas surgiu depois do acompanhamento de eventos, como peça de teatro e debates, sobre gênero. Por meio de indicações e conversas, encontramos os dois transexuais da reportagem. Quanto ao psicólogo, foi encontrado no próprio banco de dados da universidade e selecionado por sua especialidade em gênero, homofobia e sexualidade.

O título “É preciso se (re) conhecer”, faz uma ambiguidade que reflete os dois maiores desejos de um transexual; esclarecidos adiante por meio do subtítulo “A busca

por uma verdadeira identidade que permita o autoconhecimento e o reconhecimento da sociedade”.

A matéria conta com três fontes, que abordam o assunto transexualidade de maneiras distintas. A primeira é o transexual Marcos Vinícius Belarmino, jovem estudante de 22 anos. O rapaz descobriu sua identidade masculina quando criança e contou sua história, enfatizando com detalhes alguns dos preconceitos que já sofreu e as suas perspectivas de vida para o futuro.

A segunda fonte foi escolhida para embasar de forma especializada as questões que circundam os transexuais. O psicólogo Júlio D’Amato explicou o que acontece com as pessoas que rompem com o padrão de gênero já instituído.

A terceira fonte é a transexual Bruna Marx, de 33 anos, que focou em temáticas como seu tratamento hormonal de transição, como enfrentou o mercado de trabalho e de sua relação com o marido.

Além disso, foi feito um glossário, explicando o significado das principais nomenclaturas citadas na matéria e no universo transexual. Dessa forma é possível esclarecer as dúvidas dos leitores leigos.

No perfil da Bruna, optou-se por valorizar além das histórias contadas, as primeiras impressões do encontro com a entrevistada, em uma tentativa de desenhar no imaginário do leitor a forma como Bruna enxerga o mundo e de como é vista por ele.

“De acordo com C. Chaparro (2006), os avanços da tecnologia e a rapidez da informação instigam o jornalista de hoje não apenas a narrar o que acontece, mas também a ser capaz de compreender e atribuir significados aos fatos. Para ele, a dificuldade não está nas ferramentas e sim na capacidade intelectual para apreender e compreender os acontecimentos.”.  
(ROCHA; XAVIER, 2013, p.4)

## CONSIDERAÇÕES

Neste trabalho, foi possível unir o desejo de três estudantes de jornalismo em falar sobre uma temática pouco abordada no jornalismo tradicional. A oportunidade de exercer reflexão, fugindo dos paradigmas da necessidade da notícia em tempo real (a qual se submete grande parte dos profissionais inseridos no mercado de trabalho atualmente) foi de grande valia.

---

“A análise dos paradigmas do jornalismo mostra que a emergência dos gêneros é fruto da preocupação em atrair público frente às transformações políticas, sociais, econômicas, tecnológicas e culturais e ao surgimento de novos meios também.”. (ROCHA; XAVIER, 2013, p.3)

A escrita coletiva foi outro fator bastante proveitoso, no sentido de compartilhamento de visões acerca das questões que circundam os transexuais, proporcionando discussão e um conseqüente amadurecimento.

A chance de, por meio da criação dos perfis, dividir com os colegas de universidade tais visões e apresentar pessoas que passam na prática por todos esses desafios, possibilitou uma aproximação com um gênero para muitos, ainda distante. Nesse sentido, se concretiza a ideia de diminuição de estranhamento através do conhecimento.

Como última consideração a ser citada, é impossível deixar de se orgulhar com a possibilidade de exercer premissa básica no jornalismo: democracia efetivamente posta em prática através da possibilidade de dar voz para os que infelizmente não possuem força para “gritar”.

No Brasil, o jornalismo literário, quase que totalmente esquecido nas redações, mantém-se vivo no espaço acadêmico, gerando gradativamente um contato inspirador das novas gerações com essa empolgante escola de reportar em profundidade o mundo contemporâneo. (New journalism, 2003, p.91)

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKTHIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

CONTURSI, Maria Eugenia y FERRO, Fabiola. **La Narración Usos y Teorías**. Enciclopédia Latinoamericana de Sociocultura y Comunicación. Buenos Aires: Grupo Editorial Norma, 2000.

FELIX, Carla Baiense. **Entre Discursos: Mídia e Subjetividade nos Espaços Populares**. Dissertação de mestrado apresentada ao PPGCOM da UFRJ. Rio de Janeiro, 2008.

Lage, Nilson. **Teoria e técnica do texto jornalístico**. Rio de Janeiro:Campus/Elsevier, 2005.

---

\_\_\_\_\_. **A reportagem:** Teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2001.

Moretzsohn, Sylvia. **Pensando contra os fatos.** Jornalismo e cotidiano: do senso comum ao senso crítico. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

**New journalism: a reportagem como criação literária.** Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, Secretaria Especial de Comunicação Social. Rio de Janeiro, 2003.

Pereira, Fábio Henrique. **O jornalista on line:** um novo status profissional? Uma análise sobre a produção da notícia na internet a partir do conceito de “jornalista sentado”. Brasília: UnB, dissertação de mestrado, 2003. Disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/pereira-fabio-jornalista-on-line-novo-status.pdf>

PEREIRA Jr, Luiz Costa. **A apuração da notícia.** Métodos de investigação na imprensa. Petrópolis: Vozes, 2006

PINTO, Manuel. **Fontes jornalísticas:** contributos para o mapeamento do campo. Comunicação e Sociedade, Vol 14 (1-2), 2000, p. 277-294, Braga: Universidade do Minho. Disponível em [http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/5512/1/CS\\_vol2\\_mpinto\\_p277-294.pdf](http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/5512/1/CS_vol2_mpinto_p277-294.pdf)

FELIX, Carla Baiense. **Entre Discursos:** Mídia e Subjetividade nos Espaços Populares. Dissertação de mestrado apresentada ao PPGCOM da UFRJ. Rio de Janeiro, 2008.

**New journalism:** a reportagem como criação literária. Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, Secretaria Especial de Comunicação Social. Rio de Janeiro, 2003.

ROCHA, Paula Melani e XAVIER, Cintia. **O livro-reportagem e suas especificidades no campo jornalístico.** In: Revista Rumores, julho/dezembro 2013.

SODRÉ, Muniz. **Técnica de reportagem:** notas sobre a narrativa jornalística 2. Ed. São Paulo: Summus, 1986.